



Da marginalização à catástrofe: a ruína dos judeus no diário de Helga Weiss

From Marginalisation to catastrophe: the Jewish extermination in the diary of Helga Weiss

Dossiê

Simone Luciano Vargas*

ORCID: 0000-0003-1146-1761

E-mail: simonelvargas@gmail.com

Recebido: 28/10/2021

Aprovado: 15/03/2022

Resumo:

Neste artigo, apresenta-se *O diário de Helga*, que trata sobre o testemunho da sobrevivente Helga Weiss aos campos de concentração na sua adolescência. Sua escritura se enquadra no gênero literatura de testemunho, pois traz em seu diário suas memórias do trauma. A autora narra o período em que a Tchecoslováquia foi ocupada pelos nazistas e como os judeus foram marginalizados, na cidade de Praga, até a sua ruína, com as deportações e o cotidiano nos campos de concentração de Terezín e Auschwitz. Durante seu relato é possível verificar que os Direitos Humanos foram sistematicamente violados de forma intencional pelos nazistas, que se serviram desse expediente para marginalizar, quebrantar o espírito e, por fim, exterminar os judeus. A análise do diário se dará numa perspectiva sócio-histórica em que se fará, de modo conciso, um histórico sobre o discurso dos Direitos Humanos até a Segunda Guerra e o contexto da política nazista para depois fazer a análise de excertos em que Weiss apresenta as experiências vivenciadas em Praga e nos campos.

Palavras-chave:

Literatura de testemunho. Direitos Humanos. Memória. Auschwitz. Trauma.

Abstract:

This study investigates how the witnessing of Nazi extermination camps during Helga Weiss's adolescence is portrayed in Helga's Diary. The book's genre corresponds to Witness Literature since the author's trauma is represented through her memories. The author describes the period when Czechoslovakia was occupied by Nazis, how the Jewish population was marginalized in Praga until their ruination by deportation, and the daily routines in the Auschwitz and Terezin concentration camps. During the narrative, it is possible to verify that Human Rights were systematically and intentionally violated by the Nazi Party, which benefited from this strategy to marginalize, shatter the spirit of, and, finally, exterminate the

* Doutora em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Jewish people. This analysis is carried out by a sociohistorical perspective which concisely summarizes the Human Rights discourse up until the Second World War and the context of the Nazi policies to further analyze the excerpts in which Weiss presents the experiences from Praga and the camps.

Keywords:

Witness literature. Human Rights. Memory. Auschwitz. Trauma

Anos depois da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), alguns judeus que sobreviveram ao genocídio compartilharam suas experiências traumáticas com o resto do mundo. Dentre os testemunhos dos sobreviventes que narravam os acontecimentos fundamentados em suas memórias, como as narrativas éticas de Primo Levi e Elie Wiesel, houve também aqueles originados de manuscritos ou diários escritos durante a guerra, cito como exemplo *O diário de Anne Frank* (FRANK, 2007), por ser o mais conhecido escrito por uma adolescente.

No entanto, há escritos que foram produzidos em condições semelhantes antes e, até mesmo, durante o confinamento de seus autores nos campos de concentração – alguns manuscritos foram encontrados em paredes dos campos após a Segunda Guerra Mundial; outros foram produzidos tão logo seus autores se viram libertos, a fim de registrar os acontecimentos vivenciados ali para que a humanidade tivesse conhecimento. Fora a curiosidade que esses escritos despertam, eles foram alçados a provas documentais históricas como denúncia das atrocidades que feriram a dignidade e as garantias fundamentais do ser humano. Com base nesses depoimentos, orais e escritos, foi possível a opinião pública conhecer o que se passava nos campos e responsabilizar os envolvidos no assassinato de cerca de seis milhões de judeus; tendo em vista que os nazistas destruíram quase todos os registros escritos sobre seu *modus operandi*, o número exato de vítimas nunca pôde ser contabilizado. Essa catástrofe impulsionou a realização da Declaração Universal dos Direitos Humanos como a conhecemos hoje, como forma de garantir direitos iguais e inalienáveis ao homem.

É na perspectiva de abordar a marginalização dos judeus na Europa no século XX e evidenciar como os Direitos Humanos foram paulatinamente violados de forma deliberada, até a ruína completa dos judeus, que culminou na Shoah, que se tenciona apresentar, neste artigo, *O diário de Helga* (WEISS, 2013). Sua autora, Helga Weiss, é natural de Praga, Tchecoslováquia, e nasceu em 1929. Após a guerra, ela retornou para o mesmo apartamento que sua família morava em Praga, antes da guerra. Ela testemunhou a ocupação nazista e experienciou, assim como os demais judeus, o cotidiano na cidade como pária, os transportes de amigos e familiares para a Polônia e a sua vivência em Terezín – o campo de concentração que serviu de modelo para os nazistas convencerem as outras nações de que os Direitos Humanos dos prisioneiros judeus estavam sendo respeitados.

O diário de Helga tem sua importância por relatar suas experiências na ocupação da Tchecoslováquia, pelos nazistas, na guetização dos judeus-tchecos em Terezín, na prisão no campo de extermínio de Auschwitz e em outros campos de trabalho e, finalmente, sua libertação com o fim da guerra. Weiss iniciou a escritura sobre esses momentos em 1938, quando tinha nove anos, e concluiu-os em 1946, com dezesseis anos. Os cadernos em que ela narrou os acontecimentos da invasão alemã em Praga e o cotidiano dos judeus no campo foram escondidos no muro de Terezín, de modo que, com o término da Segunda Guerra, Weiss recuperou seus manuscritos. O período que passou em Auschwitz e outros campos foi escrito posteriormente à sua libertação, de 1945 a 1946, com base no que ela se recordava.

Além da nota do organizador Neil Bermel, o diário contém prefácio da autora, três capítulos (1. Praga, 2. Terezín, 3. Auschwitz, Freiberg, Mauthausen, Praga), entrevista, notas explicativas, glossário com termos alemães utilizados nos campos e créditos das ilustrações. Há também, na composição do livro, um mapa de Terezín feito por Weiss (ela é artista plástica), assim como desenhos próprios com representações do cotidiano dos judeus no gueto; também há fotografias familiares e outras produzidas pela SS (concedidas pelo Museu de Praga e Museu do Holocausto dos Estados Unidos) que foram utilizadas na propaganda nazista.

O diário de Helga faz parte do legado memorial das vítimas da Shoah. Nele, ela descreve não apenas as práticas nazistas e o preconceito da população ariana com relação aos judeus, mas também a sua percepção e sentimentos em relação ao tratamento que lhes foram dispensados. De certa forma, as memórias de Helga Weiss complementam as de Anne Frank, naquilo que esta não pôde relatar sobre os campos de concentração. Anne Frank morreu em Bergen-Belsen, campo de concentração perto de Hannover, Alemanha, em 1945. Nesse sentido, minha intenção é dar a conhecer mais um testemunho que traz a percepção não do adulto, mas da adolescente que se viu despojada da dignidade humana – um direito de todos.

1 Direitos Humanos e literatura de testemunho

Os Direitos Humanos, como conhecemos hoje, foram instituídos na Declaração Universal das Nações Unidas, em 1948, mas antes disso eles já vinham se configurando na Europa. Segundo Hunt (2009), desde o século XVIII iniciou-se a linguagem dos Direitos Humanos por causa das críticas dos reformadores iluministas aos atos de tortura e castigo cruel aos prisioneiros. No entanto, Hunt (2009) afirma que

[a] tortura terminou porque a estrutura tradicional da dor e da pessoa se desmantelou e foi substituída pouco a pouco por uma nova estrutura, na qual os indivíduos eram donos de seus corpos, tinham direitos relativos à individualidade e à inviolabilidade desses corpos, e reconheciam em outras pessoas as mesmas paixões, sentimentos e simpatias que viam em si mesmos. (HUNT, 2009, p. 112).

As declarações dos direitos, em 1776 (Declaração da Independência, nos Estados Unidos) e 1789 (Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, na França) somente vieram consolidar direitos que já existiam. Além disso, as declarações enfraqueciam a soberania dos reis, abrindo caminho para regimes políticos totalmente novos. As instituições políticas desses países aumentaram seu grau de importância ao declarar que os Direitos Humanos constituíam o fundamento do governo, de modo que este fosse legitimado pela garantia aos direitos universais.¹ Essas declarações e as revoluções que as sucederam motivaram outros países a instituir leis que proibissem a tortura; mas, além disso, incentivou as colônias a lutarem pela independência, tendo em vista que a liberdade já figurava como um direito universal, ao menos em seu discurso.

No entanto, após as conquistas napoleônicas em território germânico, os alemães passaram a rejeitar tudo o que fosse francês, principalmente suas ideias humanitárias, de modo que surgiu um sentimento nacionalista baseado na raça e no espírito alemão. Desse modo, formava-se uma ideologia contrária aos direitos universais do homem, que eram propagados pela ideologia

1. Cf. HUNT, 2009, p. 117.

francesa. Com as constantes guerras, que ocasionavam a mobilidade das fronteiras entre os países germânicos e eslavos, os alemães conviviam com outros povos:

A Polônia havia deixado de existir em consequência de sua divisão entre Áustria, Rússia e Prússia no fim do século XVIII. [...] Meio século mais tarde, a indigestão polonesa da Prússia tornara-se mais grave que nunca. [...] A cidade de Poznań/Posen era como uma ilha alemã pesadamente fortificada em um mar polonês: na província que a rodeava, 800 mil poloneses viviam ao lado de uma população alemã que era a metade desse número. (MAZOWER, 2013, p. 58).

No entanto, os nacionalistas alemães, ciosos em manterem-se em maior número junto aos outros povos, criavam políticas de colonização para “fortalecer o elemento alemão” nas zonas de fronteira, em detrimento de outras etnias, o que gerava conflitos raciais.² Nesse sentido, o nacionalismo que levou Hitler ao poder na década de 1930 já se manifestava desde séculos anteriores e, sem a monarquia e uma oposição que o confrontassem, “a ideia de uma Grande Alemanha” (MAZOWER, 2013, p. 53) torna-se a bandeira principal do novo governo. A invalidação dos Direitos Humanos das minorias étnicas dentro da Alemanha – e das nações anexadas – não causou nenhuma comoção aos civis de descendência alemã, porque estes não viam os direitos civis como necessariamente estendidos a outros grupos étnicos, principalmente aos judeus.

Antes de tomar o poder, os nazistas tiveram êxito em tornar-lhes favorável a opinião pública por meio antissemitismo. A questão judaica se manteve numa posição central na propaganda nazista, em que os judeus eram demonizados (como já se fazia desde a Idade Média) e denunciados como conspiradores que pretendiam dominar o mundo, tendo como prova *Os Protocolos dos Sábios de Sião* – publicação forjada para incriminar os judeus e que teve grande repercussão no início do século XX.³ Além disso, qualquer laço consanguíneo com judeus era visto como contaminação da raça ariana, o que gerava “a preocupação íntima de todo o indivíduo na sua existência pessoal; ninguém podia pertencer ao partido se a sua ‘árvore genealógica’ não estivesse em ordem [...]” (ARENDT, 2012, p. 491). Com a tomada do poder, a propaganda nazista se concentrou no que chamou de *Volksgemeinschaft*: “[...] Essa nova comunidade [...] baseava-se na absoluta igualdade de todos os alemães, igualdade não de direitos, mas de natureza, e na suprema diferença que os distinguia de todos os outros povos” (ARENDT, 2012, p. 495).

Após a Primeira Guerra (1914-1918), pelo Tratado de Versalhes, foram impostos à Alemanha, como país perdedor, a perda de território, a proibição de formar um exército e a obrigação de respeitar os Direitos Humanos. Com a queda do império, foi instituído o regime republicano, conhecido por República de Weimar (1918-1933), mas que não teve êxito em resolver os problemas político-econômicos da nação alemã, aumentando a pobreza do povo e, consequentemente, o antissemitismo. Os judeus ainda eram culpabilizados pela situação em que o povo se encontrava; o fato de a Alemanha participar da Liga das Nações não impediu que o antissemitismo proliferasse e atingisse o seu ápice com a Shoah.

Quando veio a público o genocídio dos judeus e o tratamento desumano que receberam, as pessoas se chocaram com a barbárie. Isso motivou as nações a se reunirem e elaborarem um documento para zelar que todos os homens tivessem direitos iguais e inalienáveis, seguido por todas as nações, pois, antes, cada país tinha uma legislação própria para guardar os direitos de seus cidadãos. Ainda assim, a formulação de uma carta dos Direitos Humanos, que atendesse a todos os países, não foi realizada sem disputas, porque havia algumas nações que consideravam

2. Cf. MAZOWER, 2013, p. 58-59.

3. Cf. ARENDT, 2012, p. 493.

que os direitos universais poderiam afetar suas colônias ou a forma como lidavam com seus assuntos internos (HUNT, 2009, p. 121). Ainda assim, a Declaração dos Direitos Humanos foi finalmente instituída pela Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948.

Com o fim da guerra, os testemunhos dos sobreviventes aos campos de concentração tiveram importância jurídica, a fim de responsabilizar e condenar os nazistas pelos eventos perpetrados para a consolidação da Solução Final de Hitler, consequência da constante violação dos direitos dos judeus. Apesar de seu uso judicial e histórico, conforme descrito por Paul Ricœur (2007, p. 170): “com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e termina na prova documental”; as escrituras de teor testemunhal têm uma relação diferenciada com a “realidade”.

Seligmann-Silva (2003) afirma que “o conceito de testemunho desloca o ‘real’ para uma área de sombra: testemunha-se, via de regra, algo de excepcional e que exige um relato. Esse relato não é só jornalístico, reportagem, mas é marcado também pelo elemento singular do ‘real’” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 47). A escritura testemunhal tem por base a memória, por isso esta tem um papel fundamental nesses escritos. Há uma seleção inteligível do que será lembrado, registrado e esquecido. Nesse sentido, a memória e o esquecimento trabalham de forma unificada. Seligmann-Silva (2003) faz referência a mais de uma modalidade de esquecimento, em que destaca o mito do rio do Esquecimento:

A memória só existe ao lado do esquecimento: um complementa e alimenta o outro, um é o fundo sobre o qual o outro se inscreve. [...] Segundo os antigos, as almas bebiam do rio Lete para se livrar da sua existência anterior e posteriormente reencarnar num novo corpo (como se lê em Virgílio, Eneida, VI, 713-16). Para o sobrevivente, a narração combina memória e esquecimento. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 53, grifo do autor).

As sequelas deixadas pelas experiências nos campos afetaram os sobreviventes psicologicamente, tendo na memória o repositório de imagens traumáticas que os assombram em seus sonhos. A narração, dessa forma, serve como tentativa de expurgarem essas lembranças e recomençoarem suas vidas. No entanto, como lembra Agamben (2008, p. 36), “o sobrevivente tem a vocação da memória, não pode deixar de recordar”. Em vista disso, alguns testemunharam o que lhes sucedera, como Primo Levi, que “torna-se escritor unicamente para testemunhar” (AGAMBEN, 2008, p. 26). Outros preferiram o silêncio – o que não significa que não se lembrem –, convivendo com seus traumas na esperança de que, com o passar dos anos, desaparecessem. No entanto, há instituições judaicas que buscam resgatar as memórias da Shoah antes que os últimos sobreviventes faleçam e, assim, essas memórias se percam – como o projeto *O museu quer contar esta história*, implementado pelo Museu do Holocausto de Curitiba. Além disso, muitos judeus, ao chegar em idade avançada, decidiram revolver o passado e registrar suas memórias. É o caso de Helga Weiss (2013), ao publicar seus manuscritos em forma de diário: “Com a idade, a pessoa retorna cada vez mais ao passado. Para minha surpresa, descobro agora que jamais o deixei. Após alguns anos voltei a ler meu diário – com cuidado, do começo ao fim – com um pouquinho de nostalgia, admito, e em muitas partes com imensa emoção” (WEISS, 2013, p. 23).

Dessa forma, o valor dessas narrativas vai além da comprovação de fatos históricos ou a violação dos Direitos Humanos. Para seus autores, seus testemunhos exercem a função do rio do Esquecimento; contudo, alguns nunca esquecem, não importa o quanto escrevam ou falem sobre as situações-limites que vivenciaram.

2 O diário de Helga como registro da barbárie

Além de sua estrutura, o diário como gênero textual apresenta certas particularidades que facilitam sua identificação dentre os demais textos; ele aproxima o leitor daquilo que foi vivenciado pelo autor-protagonista, tendo em vista que, em geral, os eventos são registrados em tempo próximo ao de sua ocorrência. Seligmann-Silva (2010) traz uma descrição pertinente sobre o diário que contém em si um teor testemunhal:

Por outro lado, é inegável que podemos identificar no diário algo como as marcas e traços do presente de sua escritura. O diário produz páginas que se embaralham com a vida de seu autor-protagonista. Nele somos tocados pelo ar que este personagem respirava. Tendemos a ver nele um testemunho, ou seja, um índice, metonímia, e não uma metáfora, que é tradução imagética e mais distanciada da dos fatos arrolados. Além disto, o diário possui também uma respiração, um ritmo, que expressa e aponta para a situação anímica e corpórea de seu autor. Os traços materiais inscritos no diário – que muitas vezes se desdobram em características bem sensíveis, matéricas, como o estado do papel, a caligrafia, os borrões de tinta, as rasuras etc. – reforçam o *teor testemunhal* do diário. Quando falamos de diário, mais do que nunca sua base matérica – o suporte do diário – se torna importante e elemento essencial da obra. Vemos o diário como parte do evento narrado, e não como observação de segunda ordem – por mais equivocada que esta percepção possa ser em alguns casos. Não se trata de uma antificção, como quer Lejeune, mas de uma inscrição da vida – e da morte, vale acrescentar, pensando em toda escrita como autotanatobiomitografia – na qual a fantasia e a literatura não impedem que acreditemos no «real» que estava na sua origem. É como se no diário se fundissem «autor», texto e temporalidade. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 7 apud DERRIDA, 1991, p. 198, grifo do autor).

Weiss (2013) afirma em sua entrevista que a princípio, como ocorre com qualquer diário, ela escrevia para si mesma, sem ter um plano especial; mas que talvez também tivesse inconscientemente a ideia de registrar os acontecimentos. O diário começou a ser escrito em Praga, aos nove anos, nesse sentido, é possível crer que, no início da ocupação nazista, Weiss não tivesse grandes intenções com ele; porém, com a deportação para o campo, o registro dos acontecimentos tomaram outra configuração. Segundo ela, em Terezín havia muitas crianças que escreviam diários e poesia, conforme ratifica Fernandes (2021). Além de escrever, ela fez desenhos que retrataram o cotidiano de Terezín, incentivada pelo pai que queria que registrasse tudo o que visse. Com a eminência de sua deportação para outro campo, seu tio, Josef Polák, escondeu o diário e os desenhos com documentos do campo de Terezín, visto que ele trabalhava no departamento de registros do campo. Após a guerra, o tio foi até lá buscar esse material, com o qual ele e Karel Lagus publicaram um livro: *Mesto za mrízemi* [A cidade atrás das grades].

O diário apresenta uma linguagem simples, considerando que se trata de um texto escrito dos nove aos dezesseis anos; contudo, o texto passou por uma revisão da autora em sua fase adulta, na qual fez alterações e supressões. A princípio, os cadernos originais não tinham a estrutura de diário e, além deles, havia a escritura em algumas folhas avulsas. A respeito da união das escrituras e das modificações realizadas por Weiss, o tradutor e organizador informa que:

A presente edição segue uma versão de texto que Helga montou após a guerra, reescrevendo as passagens sobre 1938 e o início de 1939, retirando parte de sua prosa infantil e elaborando-a na forma das seções seguintes, além de acrescentar datas ao longo de toda a obra. Portanto, apesar de afora parecer que se trata de anotações cotidianas num diário, originalmente não era assim. Isso explica a maturidade do estilo (o uso da narrativa em ‘presente histórico’), muito improvável para uma criança de oito ou nove anos. (BERMEL, 2013, p. 10).

Com isso, algumas percepções genuínas de um olhar infantojuvenil se perderam. Como muitos testemunhos de sobreviventes, somente anos depois suas memórias foram publicadas, no início como pequenos extratos em jornais. A publicação do diário na forma como o conhecemos hoje ocorreu sessenta anos depois das suas experiências nos campos.

Ser sobrevivente da Shoah requer, muitas vezes, reviver o trauma em prol de um compromisso ético com aqueles que não sobreviveram; requer também um compromisso com a História, para que as atrocidades cometidas nos campos de extermínio não se repitam, para que a Shoah não seja esquecida, ainda que lembrá-la cause sofrimento. Nesse sentido, reler, selecionar e organizar o diário a fez reviver os momentos passados nos campos, mesmo após tantos anos. Ela comparou o que sentiu quando organizou o diário com as palestras nas escolas e encontros em que relata suas experiências nos campos:

E passei por tudo de novo quando escrevi. Ainda hoje, convidam os poucos que voltaram para visitar várias escolas e participar de encontros para falar sobre suas experiências. Acho que é exaustivo; fisicamente é claro, mas psicologicamente também. Porque, enquanto falo, me vejo revivendo tudo, ainda estou naquilo. Então, ainda acontece no tempo presente, mesmo que seja passado. E ainda é tão vívido quanto antes. (WEISS, 2013, p. 207).

Portanto, embora anos se tenham passado, as lembranças se mantêm vivas no (in)consciente dos sobreviventes, e as experiências são revividas cada vez que são levados a falar sobre o assunto – é uma ferida sem cicatrização. De certa forma, são judeus que nunca saíram dos campos porque continuam aprisionados por suas mentes e por um dever de memória que não lhes permite esquecer. Nesse sentido, seu diário, como testemunho documental da barbárie, responde a esse dever de memória. Mesmo após a morte de Weiss, seu diário permanecerá como legado para que as gerações futuras não se esqueçam da Shoah.

3 Os antecedentes históricos do nazismo

Quando se pesquisa sobre como o nazismo se instalou na Europa e enviou os judeus para os campos de concentração, percebe-se que os acontecimentos não ocorreram repentinamente. Pode-se pensar que, da forma como aconteceu, foi algo planejado antes mesmo de Hitler se tornar chanceler da Alemanha em 1932, pois, tão logo assumiu o poder, ele perseguiu todos que se opuseram a seu governo fascista. À medida que o nazismo ia sendo implementado, levantou-se uma oposição que foi silenciada; nos países que faziam fronteira à Alemanha, aqueles que se opunham à política expansionista e racial de Hitler eram silenciados: mortos ou submetidos a trabalhos forçados.⁴

Com a população civil e os militares do seu lado, foi fácil perseguir desafetos políticos e mudar as leis para diminuir sistematicamente os direitos das minorias étnicas. Os judeus, os eslavos e os ciganos eram os mais perseguidos, sendo considerados, numa hierarquia racial, cidadãos de segunda-classe.⁵ Deficientes e homossexuais também sofreram com a eugenia imposta pelo III Reich. Em vista disso, é possível afirmar que a política eugênica do nazismo violou os Direitos Humanos não somente de judeus, mas também de todos os que eram contrários a ela ou que

4. Cf. MAZOWER, 2013, p. 97.

5. Cf. MAZOWER, 2013, p. 95.

não se encaixavam nos critérios de raça pura, sem mácula. Nesse sentido, a violação de Direitos Humanos foi uma arma para quebrantar o espírito de todos aqueles que os nazistas consideravam como inimigos.

No entanto, é preciso considerar que a comunidade judaica europeia foi a que mais sofreu com a política racial nazista e a leniência dos outros países, devido à forma sistemática como o regime perseguiu os judeus, solapando-os de sua cidadania em 1935, pelas Leis de Nuremberg, e impondo-lhes restrições que os impediam de ter uma convivência pacífica com a população ariana, até o ápice com as deportações e mortes nos campos de extermínio. As nações do entorno somente tomaram uma posição acerca dos acontecimentos na Europa Central quando perceberam o propósito de Hitler de formar uma Grande Alemanha: “Dominar a Europa era o que realmente importava para os nazistas, pois eles acreditavam que o continente era o centro do sistema geopolítico mundial” (MAZOWER, 2013, p. 39). A violação dos direitos das minorias na Alemanha já vinha sendo denunciada, mas grande parte dos europeus eram indiferentes à sorte dos judeus, e não consideravam que isso fosse motivo suficiente para justificar outro conflito bélico. Contudo, à medida que o exército alemão avançava sobre o território dos outros países, aumentando seu domínio, ia instituindo sua ideologia eugênica. O sucesso do empreendimento de Hitler se dava devido à fraqueza político-econômica desses países que ainda estavam se recuperando da Primeira Guerra, sendo a população quem mais sofria. Nesse sentido, haviam civis – não judeus, obviamente – dentre esses países que viam a conquista alemã como benéfica, tendo em vista as façanhas bélicas e econômicas exitosas dos nazistas (MAZOWER, 2013).

Em direção ao Leste europeu, a Áustria foi a primeira nação a ser anexada ao território alemão, em 1938, com o consentimento de parte da população austríaca. Mazower (2013) afirma que “a capital da Áustria se converteu de fato num laboratório de violência contra os judeus: as pessoas que viriam a ter enorme importância na ‘solução final’ posta em prática durante a guerra, quatro anos mais tarde, desempenharam papéis fundamentais ali em 1938” (MAZOWER, 2013, p. 90). O tratado de Versalhes foi assim quebrado, sem que as nações aliadas fizessem qualquer investida contra a Alemanha. Depois da Áustria, foi a vez da Polônia, Tchecoslováquia e Iugoslávia.

4 Da marginalização em Praga aos campos de concentração

O diário inicia com as memórias de Helga quando tinha nove anos e vivia em Praga, na capital da Tchecoslováquia, com seus pais, Irena e Otto Weiss. O ano era 1938, e o país ainda não tinha sido ocupado pelos alemães, mas a população de Praga já se via envolvida num conflito bélico, de modo que a narrativa inicia com a lembrança de sua família e vizinhos indo se abrigar no porão do prédio durante um sinal de ataque aéreo. Como se tratava de um alarme falso, retornam para seus apartamentos. As crianças deveriam dormir porque no dia seguinte haveria escola. Até esse momento, a Tchecoslováquia ainda era um país independente, e as pessoas levavam uma vida normal em que seus direitos de cidadãos tchecos eram respeitados.

Esse evento se contrapõe com outro semelhante de quando, sete anos depois, a autora-narradora-protagonista está numa fábrica nazista e as forças aliadas fazem um bombardeio próximo. No evento, de 1938, os moradores do prédio (arianos e judeus) estão preocupados com suas vidas e buscam o subsolo para se proteger. Em 1945, as prisioneiras judias já não se importam mais se vivem ou morrem, pois a vida que levam já não as motiva a manterem-se vivas:

Três anos atrás quem fugia dos ataques aéreos éramos nós. Eles nos deixavam usar os abrigos, mas pensaram melhor; eles mesmos temem não chegar lá a tempo. Então andamos propositalmente devagar. O destino decide se pereceremos ou sobreviveremos. A vida importa tão pouco para nós; não temos nada a perder. (WEISS, 2013, p. 163).

Nos sete anos transcorridos, a narradora-protagonista passou por situações sistemáticas de humilhação e violência que a fizeram a não dar o mesmo valor à vida como dava antes. Suas experiências são representativas de uma coletividade que vivenciou situações semelhantes, embora a percepção de um indivíduo para outro sobre a mesma situação possa variar. No excerto anterior, observa-se que a autora indica que a decisão de andar devagar é coletiva, ou seja, a indiferença com a própria vida era quase generalizada.

A situação dos cidadãos judeus-tchecos mudou a partir da implementação da Segunda República, em que Edward Beneš, o presidente, renunciou, e Emil Hácha assumiu seu posto. A Tchecoslováquia, como outros países europeus, vivenciava uma grave crise política, de modo que a ocupação da Tchecoslováquia se dá durante o governo de Emil Hácha. Segundo Mazower (2013, p. 96):

Quando Hitler exigiu a cessão imediata dos Sudetos, em setembro de 1938, em Munique, os britânicos e franceses concordaram. Mas a capitulação de Neville Chamberlain não significou a “paz para o nosso tempo”, como ele anunciou: foi um desastre para os tchecos e uma catástrofe para todos aqueles que esperavam pôr um freio à escalada bélica alemã. Despojada por mais de um terço da Boêmia e da Morávia e abandonada por seus aliados, a Tchecoslováquia – com sua vital indústria de armamentos e sua localização estratégica crucial, no coração da Europa – se viu cercada por forças hostis e praticamente indefesa. Um desiludido presidente Beneš deu lugar a Emil Hácha, um eminente advogado que sobreviveu no cargo até 1945 como uma figura trágica e alquebrada.

Foi pela rádio que as notícias sobre a ocupação alemã chegaram: “Hoje de manhã, às seis e meia, o exército alemão atravessou a fronteira com a Tchecoslováquia” (WEISS, 2013, p. 31). A narradora apresenta sua percepção do dia 15 de março de 1939. O pai está sentado a seu lado; ela sem entender o que acontecia. Imperava um silêncio estranho que era quebrado somente pelo tique-taque do relógio. Ela foi para a escola, e as pessoas que encontrou apresentavam em seu semblante medo e tristeza. No retorno, havia carros e tanques alemães nas ruas. Desde esse momento, a Tchecoslováquia estava sob a proteção do Reich. O país ganha um novo nome: Protetorado da Boêmia e Morávia. Assim se deram, aos olhos da menina Helga, os primeiros dias da ocupação nazista. A mudança de nome não assinala apenas a mudança de regime: do republicano para o autocrático; mas também a perda de liberdade sob a justificativa de que estariam sendo “protegidos”.

A partir desse dia, as leis antijudaicas foram colocadas em prática, e os judeus da Tchecoslováquia passaram a viver sob estado de exceção. Até então, a narradora não havia feito referência a sua origem judaica; talvez, até o momento, sendo criança, ainda não tinha a consciência do que representava ser judeu naquela época. Ela era apenas uma menina que frequentava a escola com outras crianças de etnias diferentes. Contudo, com a ocupação, a propaganda nazista é disseminada, e a imprensa traz vários artigos contra os judeus, aumentando o antissemitismo:

Desde 15 de março não se passou um dia calmo. Houve ordens, uma depois da outra, que nos reprimem e ferem mais e mais. Não se passa um dia sem uma nova turbulência. O pior recaiu sobre nós, os judeus. Eles jogam tudo em nossas costas. Somos a causa de uma coisa depois da outra e tudo é culpa nossa, mesmo que não tenhamos feito algo errado. Não podemos evitar ser judeus nem qualquer dessas coisas. Ninguém pergunta; eles simplesmente sentem que precisam despejar sua raiva em alguém; e quem melhor do que – é claro – os judeus? O antissemitismo está crescendo; os jornais estão cheios de artigos contra os judeus. (WEISS, 2013, p. 31).

O tom do discurso da menina Helga é de revolta pela perseguição que os judeus sofriam, sendo que nada haviam feito para que isso ocorresse, e a origem étnica não é algo que a pessoa escolha. Nesse excerto, ela demonstra a injustiça na perseguição gratuita que os nazistas estavam impingindo à comunidade judaica. Como já dito, após o fim da guerra, Weiss reescreveu algumas passagens e complementou seu testemunho com mais informações sobre o período pré-guerra; por isso, talvez essa passagem tenha sido reescrita, pois o pensamento, os sentimentos e a denúncia parecem ser muito complexos para uma menina de nove anos.

Logo, mais leis antijudaicas passaram a vigorar na Tchecoslováquia. Ela descreve, na sua narrativa, que os judeus não poderiam mais ocupar cargos públicos, depois não poderiam empregar arianos – palavra que até então não conhecia –, nem frequentar locais públicos, como cafeterias, cinemas, teatros, parques etc. porque foram proibidos. Mas, o que mais a aborreceu foi as crianças judias serem expulsas da escola. No entanto, os judeus encontravam formas de resistir às proibições. Para a falta de escola, a solução encontrada pelos judeus para manter as crianças estudando foi criar grupos escolares em casa:

Não é como a escola, mas estou me acostumando e começando a gostar dessa nova maneira de aprender. Nosso grupo é composto por cinco meninas judias. Nossas professoras são duas jovens estudantes que abandonaram a escola pela mesma razão que nós. As reuniões se revezavam entre os apartamentos de cada uma de nós. Em vez de um prédio escolar, como estávamos acostumadas, um apartamento comum; em vez de uma sala de aula, um quarto de criança. As carteiras substituídas por cadeiras simples e por uma mesa; o grande quadro-negro, por uma pequena lousa infantil. (WEISS, 2013, p. 33).

Esse excerto mostra a importância que davam para a formação e o bem-estar de suas crianças. A comunidade buscava formas de amenizar algumas situações, de modo a não se privar de tudo, como era a intenção dos nazistas, o que indica um sinal de resistência judaica.

Em 28 de outubro de 1939, Helga registra que houve um protesto de estudantes universitários, porque as universidades foram fechadas. Um estudante morreria, e outros foram enviados para campos de trabalhos forçados. Aqueles que eram considerados presos políticos ou antinazistas iam para o campo de Dachau.⁶ As deportações para os campos eram uma forma de punir qualquer um que se manifestasse contra as ordens impostas, ainda não havia os campos de extermínio. A polícia do Reich, a Gestapo, impunha-se pela força e mantinha uma política de terror:

As prisões nunca param. A polícia alemã “Gestapo” esbraveja por Praga e prende qualquer um que lhe convenha, como dizem. A cidade está cheia desses homens da Gestapo, em uniformes e à paisana. Eles espalham terror aonde vão e todos têm muito cuidado para não cair em suas garras. [...] Quando saímos de casa, não sabemos se voltaremos. (WEISS, 2013, p. 33).

6. Cf. MAZOWER, 2013, p. 97.

O testemunho de Helga revela o clima de instabilidade instaurado em Praga, porque as pessoas simplesmente desapareciam. Com a guerra declarada – o que ocorreu em 1º de setembro de 1939 –, a situação piora e, conforme Weiss, os novos decretos não os afetavam como antes, ou buscavam manter uma atitude de indiferença para desapontar os nazistas. No entanto, eles são cada vez mais marginalizados, tratados como párias sociais:

Todos os negócios precisam ser germano-tchecos. (Alguns dos mais entusiasmados levam a coisa muito a sério e só utilizam o nome alemão nas fachadas de suas lojas.) Foi adicionado um aviso aos cardápios de todos os restaurantes, impresso em letras grandes para ninguém deixar de ver: ‘Judeus não são permitidos – *Juden nicht zugänglich*.’ O mesmo aviso apareceu na entrada de todos os estabelecimentos de diversão, lojas de doces e barbearias. O contato com judeus está sendo limitado. (WEISS, 2013, p. 34).

Mesmo no campo, havia o controle sobre os judeus, eles não podiam nadar no rio, por exemplo, nem se misturar com outros banhistas. As crianças judias não poderiam brincar com as arianas, embora algumas burlassem essa lei: “Ainda assim, minhas amigas arianas não deixaram de me visitar. Elas trazem suas anotações escolares, que meu pai usa como guia, pois desde o Natal é ele mesmo quem me dá aulas” (WEISS, 2013, p. 34). Contudo há crianças arianas que evitavam o contato com as judias:

E as férias chegaram. Todas as crianças arianas viajaram. A única amiga que ficou foi Eva – mas não a Eva que mora em nosso prédio, ela não é minha amiga há um bom tempo. Desde que Hitler surgiu, ela me olha com desprezo; provavelmente pensa que é melhor do que eu. Se isso a faz feliz, não vou estragar sua alegria. (WEISS, 2013, p. 35).

Observa-se que, antes da ocupação, as duas meninas eram amigas. Ainda que a narradora tente dar um tom de indiferença à perda da amizade, ela era afetada emocionalmente com o distanciamento e o desprezo da ex-amiga; que passou a agir assim devido à política racial imposta, que influenciou no comportamento até mesmo das crianças. É por situações como essa que o sentimento de inferioridade, de humilhação, ia minando a força interior dos judeus.

Em 5 de outubro de 1941, Helga relata que passaram a usar uma estrela amarelo intenso com a palavra Jude no centro:

São quase quinze para as nove. Vestir o casaco depressa, uma olhada rápida no espelho para ver como a nova estrela amarela se destaca e é hora de ir para a escola. Meu pai está esperando; quem sabe como os arianos se comportarão quando nos virem marcados assim? É por isso que, excepcionalmente hoje, ele vai comigo. [...] Na rua encontramos diversos tipos de olhares. Uma pessoa passa sem notar a estrela, pelo menos aparentemente (ninguém resiste a uma espiadela); outra sorri de maneira solidária ou encorajadora; uma terceira ri, com zombaria e desdém cruzando-lhe a boca. Às vezes precisamos aguentar comentários, mas já estamos habituados. Entramos no bonde, no último vagão. Aqui as coisas parecem um pouco diferentes: uma estrela depois da outra. E à medida que nos aproximamos do centro da cidade, ele transborda de estrelas. (WEISS, 2013, p. 39).

A estrela de Davi é um símbolo judaico utilizado pelo nazismo para que os judeus pudessem ser identificados aonde quer que fossem. Em seu relato, Helga faz referência às diferenças de atitude dos tcheco-arianos quanto à identificação. Chama a atenção que, entre aqueles que se mostravam indiferentes ou zombavam, havia uma pessoa que sorriu solidária. Isso revela que o desprezo pela condição judaica não era unânime, assim como a aprovação pela ocupação alemã

também não. Mas os antinazistas reconheciam que não tinham forças para se opor à polícia alemã; ou seja, o povo vivia com medo. Outra informação que há nesse excerto é que os judeus somente poderiam usar o último vagão do bonde, quando este o tivesse; caso contrário, teriam de fazer o percurso a pé, algo que ela relata em outro momento.

Não demorou para que ocorressem as deportações coletivas de judeus-tchecos para os campos de concentração. A família de Weiss viu seus amigos e familiares serem nomeados para os transportes, até o dia que ela própria foi convocada, em 1942. Helga tinha então treze anos e traz, em seu relato, como era a logística dos alemães para embarcar levas de judeus, que, pelos boatos que corriam, se dirigiam a Terezín. Primeiro, a espera no Palácio do Comércio de Praga, dois dias aguardando o embarque, enfrentando filas para se alimentar com o que a administração fornecia e dormindo em colchões na estação. Antes da partida, um oficial alemão dá orientações e justificativas sobre a viagem:

Recebemos algumas instruções referentes à viagem e descobrimos algo que surpreende a todos. Quero dizer, surpreenderia se fosse verdade. Infelizmente, estamos acostumados a esses discursos e promessas e tivemos muitas oportunidades para descobrir quão verdadeiros são. Ele diz que precisamos ir para outra terra para evitar a perseguição e começarmos uma vida nova. Precisamos ser cuidadosos, e as coisas darão certo para nós. Podemos ser gratos por estar entre os primeiros e ter a oportunidade de ajudar a construir o gueto e prepará-lo para os que logo virão. (WEISS, 2013, p. 62).

Nesse excerto, Helga aponta para os discursos e promessas enganosas da polícia nazista que se mantêm mesmo nos campos de concentração. É conhecido que os soldados alemães enganavam os judeus para que eles entrassem nas câmaras de gás com a mentira de que se tratava de chuveiros. No final da guerra, alguns judeus já tinham conhecimento de que em alguns campos se exterminava os judeus por meio de gás (WEISS, 2013, p. 186). Mas, em 1941, os judeus-tchecos, que estavam sendo deportados para o campo de Terezín, ainda não tinham conhecimento do que ocorria nos campos de extermínio, sendo Terezín o melhor lugar que um judeu poderia estar, comparado com os demais. Antes de se tornar um campo de concentração, Terezín havia sido uma cidade murada onde os habitantes foram retirados para acomodar os judeus antes de serem enviados para outros campos, dentre eles, Auschwitz. Fernandes (2021, p. 69) faz referência ao histórico e à estrutura de Terezín:

O campo de Terezín foi uma estrutura única no sistema concentracionário. Se configurou como paradoxo da criação e da destruição, ambas convivendo juntas entre paredes imundas e arames farpados. Campo transitório para judeus do Protetorado da Boêmia e da Morávia, a cidade-fortaleza, construída em 1780 pelo Imperador da Áustria José II, tinha o intuito de abrigar seu exército e protegê-lo. Com excelentes fortificações, muros altos, diversas edificações militares e estando localizada próxima à malha ferroviária e à 60 km de Praga, a cidade de Terezín se mostrou o local propício para o rápido estabelecimento de um campo de transição.

Sua estrutura revela a razão dessa cidade-fortaleza ter sido escolhida para abrigar tantos judeus, Helga revela que o campo tinha capacidade para mil pessoas, mas os nazistas mantiveram ali seis mil de uma vez só. Quando chegavam a Terezín, eram identificados por um número que receberam no Palácio do Comércio de Praga, assim, iniciava-se o processo de desumanização. Os alojamentos eram precários, constituídos por vários quartos superlotados:

Somos 21 mulheres num quatinho pequeno. Minha mãe e eu temos 1,20 metro quadrado.

À noite, algumas pessoas se deitam no meio do quarto e, se alguém precisa sair, tem que pular por todas elas. Os pés batem nos rostos, é realmente horrível. Algo que só dá para acreditar vendo e, um dia, teremos dificuldades em acreditar que pessoas pudessem viver em tais condições. (WEISS, 2013, p. 71).

Embora Terezín não fosse um campo de extermínio, não significa que não houvesse tortura física e psicológica e assassinatos. Os oficiais impunham regras que, a princípio, pareciam ilógicas, mas faziam parte do sistema de matança impetrado. As pessoas eram proibidas de tomar banho e tinham de conviver com piolhos e percevejos, que não as deixavam dormir; a alimentação era escassa e comiam o que encontravam. Assim, alimentos podres faziam parte do cardápio. Ao chegarem em Terezín, as famílias eram separadas: os homens ficavam separados das mulheres, e as crianças de suas mães, caso se vissem, não deveriam se falar, era proibido qualquer tipo de comunicação entre eles, mesmo que fossem marido e mulher, pais e filhos. Em vista disso, era comum os judeus fazerem o possível para burlar essa regra, de modo que se estabeleceu um correio clandestino, do qual a família de Weiss também se beneficiou. No entanto, se fossem pegos, pagariam com a vida.

Nem consigo escrever; minha mão treme só de pensar. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não acreditaria que hoje, no século XX, algo assim pudesse acontecer. Esta manhã, eles ordenaram que fechássemos todas as janelas. Desconfiávamos de algo. Sabíamos que haviam montado uma força atrás do alojamento Ústí. Por volta das nove horas, vimos (é possível ver através das janelas fechadas) um pequeno grupo entrar no alojamento. Na frente e atrás estavam os SS; no meio, nove rapazes com pás apoiadas nos ombros – para cavarem as próprias covas! Nove condenados à morte. O que esses garotos fizeram para serem tratados com tanta crueldade? Garotos de vinte anos, talvez menos, mandaram notícias para suas mães. E daí que tenham enviado mensagens ilegais? Como poderia ser de outra forma se o contato com familiares é proibido? Por isso foram executados. Por que não deveria ser possível? Nos dias de hoje nada é impossível. (WEISS, 2013, p. 78).

Essa não foi a única regra que os judeus ludibriaram. As crianças e adolescentes eram proibidos de receber qualquer tipo de instrução para a sua formação, assim, não havia escolas em Terezín. No entanto, os judeus criaram uma forma de manter o ensino escolar das crianças, o que as mantinha ocupadas:

Nossas aulas se revezam entre os dormitórios. Em algum canto, abre-se um espaço, todos trazem uma cadeira (que nossos pais roubam de algum lugar – perdão, eu deveria dizer “desviam”, porque há uma grande diferença – ou constroem com os pedaços de madeira que trocam pelo pão que recebem), um caderno e um lápis, e estudamos. Às vezes, fazemos barulho demais e nos expulsam do quarto com a professora. Outras vezes, chega uma visita alemã – alguém sempre nos avisa a tempo e recolhemos tudo o mais rápido possível e nos dispersamos. (WEISS, 2013, p. 84).

Isso revela não somente o quanto eles valorizavam a formação do indivíduo, mas também que resistiam às imposições nazistas para minar seus ânimos, privando-os de tudo que valorizassem. Também era proibido atividades culturais, mas os prisioneiros preparavam apresentações clandestinas encenadas nos quartos:

No quarto ao lado, as meninas prepararam uma apresentação. Todos nos quartos vizinhos vieram assistir.

Foi lindo. Nós cantamos e as garotas até apresentaram uma pequena peça. Por um tempo, esquecemos tudo. Foi como se estivéssemos em casa ou em algum teatro, como se as velas, colocadas em malas e em canecas, brilhassem numa árvore de Natal e fôssemos livres.

Ninguém ouve, ninguém repara nas danças e nas canções das meninas. Na verdade, elas não estão dançando. Seus pensamentos estão em outro lugar. Elas já não são prisioneiras nesses alojamentos frios e sujos. Já não enfrentam cada novo dia com a barriga vazia e medo constante. Estamos livres, muito além dos muros e dos portões do gueto que ocultam tanta desgraça e sofrimento, onde a morte espreita suas milhares de vítimas – longe daqui, ao redor de uma mesa farta, entre tantos rostos e coisas queridas. Aí estão os pensamentos de todos, e, no brilho das velas que ardem, vemos uma imagem linda e inesquecível ganhar vida... lar.

Ficamos acordadas noite adentro, lembrando-nos de nossos lares com lágrimas nos olhos. (WEISS, 2013, p. 77).

Esses momentos serviam para lembrá-los de suas vidas em Praga. A liberdade de pensar e sonhar era a única coisa que os nazistas não tinham o controle em Terezín: eles podiam controlar e destruir o corpo, como fizeram, mas a mente permanecia livre. As atividades culturais eram realizadas em Terezín pelos prisioneiros, às escondidas, como forma de manterem a serenidade e a dignidade humana, havia muitos artistas e intelectuais judeus no campo. Os líderes judaicos sabiam dos riscos ao fazerem as apresentações, mas as incentivavam mesmo assim:

Em Terezín, as iniciativas artísticas e culturais foram amplamente fomentadas pelos líderes judaicos e apoiadas por artistas, compositores, músicos, atores, diretores, escritores, cientistas e professores que ali viveram. As crianças foram incentivadas a expressarem-se por meio da música, do teatro, da poesia e das artes visuais. Essas, por sua vez, não buscaram apenas representar o sofrimento, mas antes, sobreviver a ele. Ao realizarem registros poéticos das coisas observadas e vivenciadas, por meio de um olhar profundo e sensível, as crianças desenvolveram um modo singular de falar de si próprias, de suas angústias, medos, inquietações e frustrações. (FERNANDES, 2021, p. 69).

Os ritos judaicos também eram realizados, até mesmo no *Kinderheim* – a morada especial das crianças:

O sótão apertado do prédio L410 está repleto de silhuetas de meninas. A primeira vela na menorá foi acendida e os objetos se esticaram em sombras compridas e assustadoras. Trezentos e sessenta pares de olhos se iluminam. Nosso *Heimleiter* aproximou-se da menorá e rezou. “*Ma’oz tzur yeshu’ati...*” ecoou baixinho pelo sótão... De repente: “Tem um alemão no prédio!” gritou a vigia, que subira as escadas correndo. (WEISS, 2013, p. 109).

Nos relatos do diário que dizem respeito à Praga, não é mencionado se a família Weiss seguia a fé judaica ou se eram judeus seculares, mas, em Terezín, Helga participava, junto com as demais meninas, de rituais judaicos. Obviamente se fossem denunciadas ou apanhadas durante os ritos, provavelmente teriam o mesmo destino dos jovens que enviaram cartas às mães.

Terezín era peculiar em vista dos outros campos. Já havia rumores de que Hitler mantinha prisioneiros judeus em condições subumanas, quando não os assassinava, em seus campos de concentração. Por esse motivo, quando a Cruz Vermelha formou um comitê para visitar um dos campos, os alemães escolheram Terezín. Os nazistas o prepararam então para a visita, a fim de mostrá-lo como modelo de assentamento para judeus. A movimentação no campo não passou despercebida, e foi registrada no diário:

É engraçado, mas parece que tentam transformar Terezín em um balneário. [...] Durante três anos inteiros, nunca ocorreu a ninguém que as ruas deveriam ter nomes em vez de serem chamadas apenas de L e Q. [...] De súbito, os alemães tiveram uma ideia e, da noite para o dia, penduravam placas em cada casa da esquina, com o nome da rua, e nos cruzamentos havia setas indicando *Zum Park*, *Zum Bad* etc. [...] já não moro no L410, mas em Hauptstrasse, 10. Todos os pacientes foram transferidos, durante a noite, da escola junto à *Bauhof*, que até hoje servia como hospital; o prédio foi pintado e limpo, carteiras foram trazidas e, pela manhã, uma enorme placa brilhava à distância: *Knaben und Mädchenschule* – ‘Escola de Meninos e Meninas’. É realmente linda, como um colégio de verdade, porém faltam alunos ou professores. No entanto, esse inconveniente foi resolvido de maneira simples: um pequeno cartaz anunciando *Ferien* – ‘Férias’. [...] E há um laguinho, um carrossel e gangorras. Eles realmente se importam tanto com essa comissão? Talvez nem saibamos como nossa situação é boa. (WEISS, 2013, p. 113-115).

É com ironia que Helga narra os preparativos dos alemães para enganar a comissão que irá verificar se os judeus estão sendo tratados com dignidade, se os seus direitos estão sendo preservados. Essa situação revela o caráter ardiloso dos nazistas, mas, diante do exagero da transformação, é de se pensar o quanto realmente a comissão estava disposta a confrontar Hitler caso encontrasse algo que não correspondesse ao que esperava:

Há um bando de gente urrando sob nossas janelas; os pavimentos esfregados e limpos contrastam com as casas que acabaram de ser pintadas; cortinas recém-passadas brilham nas janelas. A cafeteria está lotada, os bancos do parque estão totalmente ocupados e o parque infantil em frente ao *Säuglingsheim* é usado pela primeira vez. Atrás do Magdeburgo, um veículo espera, mas não é um *Leichenwagen*, um carro fúnebre – é um veículo bonito e limpo, com pão e homens de aventais, toucas e luvas. Um grupo das moças mais bonitas e de aspecto mais saudável foi escolhido no *Landwirtschaft* e irá trazer um cesto de frutas frescas, cantando. As crianças ensaiam pela última vez sua saudação jubilosa ao ‘Tio Rahm’, torcendo o nariz para a merenda que lhes oferecem. ‘*Schon wieder Sardinien?*’ – ‘Sardinhas outra vez?’ Hoje teremos dois pãezinhos e patê para a ceia, amanhã teremos carne para o jantar. O cardápio foi elaborado para a semana inteira e, é claro, para a semana passada também. Tudo está pronto; os guardas do gueto correm como loucos de um lado para outro a fim de garantir que todos sejam informados a tempo. Estamos apenas esperando que os primeiros carros do comitê internacional apareçam na estrada, vindo de Bohusovice, para a comédia começar. (WEISS, 2013, p. 120).

A visita ocorreu em 23 de junho de 1944 e foi realizada por dois delegados da Cruz Vermelha Internacional e um da Cruz vermelha da Dinamarca; foram acompanhados pelos oficiais do gueto e da SS, e um deputado (USHMM, 2021). Por fim, o campo serviu de forma positiva para a propaganda nazista, em detrimento dos judeus que, após a visita, viram a sua situação piorar, porque as deportações para os campos de extermínio e de trabalhos forçados se intensificaram.

Logo a família Weiss foi deportada. O pai foi antes, e Helga e a mãe dias depois com a promessa dos nazistas de que iriam se encontrar com ele; mas se tratava de mais uma mentira utilizada para que as pessoas entrassem nos vagões sem criar dificuldades. Algumas até se apresentaram voluntariamente com a promessa de que se encontrariam com seus familiares. O destino das duas foi Auschwitz, mas elas somente souberam disso quando chegaram lá.

As memórias dos campos, após Terezín, foram escritas após o término da guerra, como dito anteriormente; dessa forma, os escritos do que lhe sucedera na saída de Terezín e a sua libertação foram registrados de acordo com suas recordações. Há uma temporalidade que não pode ser desprezada, embora a autora afirme ter as lembranças muito vívidas em sua memória.

Helga narra suas impressões, ao chegar no campo estando ainda no vagão. Ela repara nas roupas dos prisioneiros, pijamas listrados, e no tratamento violento. Quando o trem para, há vários homens da SS para recebê-las, elas são tratadas com violência e escárnio. Depois são separadas em dois grupos:

Um – mulheres mais velhas e mães com crianças pequenas – segue para a esquerda; o outro, para a direita. ‘Pessoas doentes devem ficar quietas’, repetem vozes sussurradas; ‘você está bem’, cochicha em tcheco um dos homens com roupas de prisioneiro atrás de mim. Um tcheco então. As filas à nossa frente avançam; logo será nossa vez. Contanto que mantenham minha mãe e a mim juntas. Ou é melhor não dizer? Provavelmente; talvez não nos deixem juntas se souberem quanto é importante para nós. (WEISS, 2013, p. 140).

Ambas foram para a direita, o que significava que ainda não seriam mortas. O próximo passo foi o banho, tiveram de se despir em frente de jovens soldados da SS, e a raspagem do cabelo. Depois foram levadas para os alojamentos que eram ainda piores do que os de Terezín e dormiram sem se alimentar, embora a última refeição tenha sido pela manhã, antes da viagem, e já era noite.

Em Auschwitz, depois da alimentação parca, fazia-se a contagem das mulheres, deixando-as de pé no frio, chuva ou sol, vestidas precariamente:

Depois do café da manhã, houve a chamada, quando fizeram a contagem, deixando-nos esperando por uma hora, talvez duas, não sei ao certo, porque não tenho relógio – em todo o caso, foi interminável. Porque, eu não sei; parece que é parte do cronograma diário. Só nos deixaram voltar ao prédio quando lhes parecemos cansadas e congeladas. Ainda estamos em outubro, porém é um frio cortante quando ficamos paradas a céu aberto às quatro horas da manhã (deve ter sido nesse horário, ainda estava muito escuro) e quase nuas, pois os trapos que nos deram não podem ser chamados de roupas e os pés descalços precisam ser enfiados em tamancos holandeses (apenas um pé, se você não for suficientemente esperta, enérgica para levantar a tempo e não houver tamancos suficientes para todos). E, o pior, as cabeças raspadas; é a parte que fica mais fria. (WEISS, 2013, p. 144).

A rotina era planejada de forma a alquebrar os espíritos que resistiam às más condições impostas, muitos judeus não resistiam por muito tempo, e se ficassem doentes sabiam qual seria o seu destino. As ameaças das guardas eram sempre de enviá-las para “o outro lado” da cerca, o que surtia efeito, embora as prisioneiras somente desconfiassem do que lá havia:

Talvez as guardas queiram apenas nos assustar, nos aterrorizar. Será que alguma delas já esteve no outro lado? Há realmente câmaras de gás? Olho em vão para onde esse lugar supostamente horrível está. Todas as nossas perguntas são inúteis. A única coisa que vejo, que serve como resposta, são duas chaminés que soltam fumaça dia e noite. O crematório, dizem elas. (WEISS, 2013, p. 149).

Por sorte, Helga e a mãe permaneceram pouco tempo em Auschwitz, porque foram transferidas para outro campo em Freiberg para trabalhar numa fábrica de aviões. O alojamento era melhor do que os pavilhões de Auschwitz, mas a alimentação continuava parca, não as nutrindo o suficiente para aguentar durante o tempo que deveriam se manter de pé trabalhando:

Se ficarmos nesse turno por mais tempo, não sei como sobreviveremos. Além disso, a fome é muito pior. Nós jantamos pouco antes de dormir e o pão precisa durar pelas doze horas de atividade – e o trabalho também é uma estupidez. Não temos permissão para sentar e, no entanto, não há o que fazer. É o pior, porque não podemos deixar que percebam e precisamos fingir que estamos trabalhando. Polimos partes de aviões, o que é muito maçante. Ficamos no mesmo lugar, repetindo os mesmos movimentos com as mãos. Engolir limalha de ferro o tempo todo é terrível para a saúde e nunca tomamos ar fresco. (WEISS, 2013, p. 156).

Diante das circunstâncias, Helga e a mãe criam estratégias para se manterem vivas. Para serem selecionadas para trabalhar na fábrica, mentiram suas idades: Helga, então com quinze anos, acrescentou três anos a mais, e a mãe diminuiu quatro; também omitiram o vínculo familiar. Já na fábrica, para se mostrarem necessárias, mesmo não tendo o que fazer, fingiam que trabalhavam.

O tratamento desumano era impingido pelo *Unterscharführer* – que as prisioneiras chamavam de Šára ou às vezes Uša –, o supervisor. Ele batia nas prisioneiras; sendo que Helga era espancada com mais frequência que as demais. Os maus tratos iam além da violência física pontual, pois Šára praticava a tortura física e psicológica:

As áreas de trabalho não têm aquecimento. O piso é de cimento. Nossos sapatos estão em frangalhos e não temos meias. Šára proibiu que vestíssemos casacos. Não conseguíamos aguentar o frio, então usamos o enchimento (aquelas que por acaso tinham casacões) e os forros de nossos casacos para fazer panos para os pés, lenços para a cabeça e coletes para usar sob o vestido. Hoje Šára confiscou todas as peças. Então nos restaram casacos finos e estamos congelando. O frio é horrível, talvez ainda pior do que a sede e a fome.

Hoje fiquei em casa, com quarenta graus de febre e amigdalite. Desmaiei duas vezes no pátio. Ainda hoje atestaram que estou apta ao trabalho. (WEISS, 2013, p. 158).

Infiro que a intenção com tantos maus tratos era quebrantar seus espíritos a ponto de morrerem sem precisar encaminhá-las para as câmaras de gás em Auschwitz. Com tanta mão de obra disponível, não fazia diferença para os supervisores se algumas morressem, pois bastaria solicitar mais prisioneiras, ou prisioneiros, visto que a violência era uma prática corrente entre os supervisores, como consta nos testemunhos de Primo Levi (LEVI; BENEDETTI, 2015; LEVI, 2020). Mazower (2013) também faz referência à visão administrativa dessas fábricas que se utilizaram da mão de obra de prisioneiros:

[...] a ss tratava seus prisioneiros como se eles fossem infinitos. A nova política os fazia trabalhar até o limite de sua resistência e além – reduzindo os períodos de descanso, autorizando horas ilimitadas de trabalho e fomentando a vigilância [...] canalizados em enormes quantidades para os campos à medida que se desenvolvia a Solução Final, os judeus ‘inaptos para o trabalho’ eram enviados diretamente para os campos de extermínio, enquanto o resto era ‘selecionado’ para enfrentar o ‘extermínio por meio do trabalho’. (MAZOWER, 2013, p. 370).

A esperança de Helga era serem libertadas pelas forças aliadas que se aproximavam, já se ouviam os bombardeiros e as notícias chegavam ao campo, o que lhe aumentava o ânimo e a esperança. No entanto, quando os aliados estavam próximos, *Unterscharführer* resolveu transferi-las para outro campo. Assim, empreendem uma viagem que durou dezesseis dias e que saiu da Polônia e cruzou a Tchecoslováquia. As prisioneiras foram confinadas em vagões superlotados e sem mantimentos suficientes, mas, à medida que paravam nas estações, a população ao redor

oferecia comida a elas, que era negada pelo *Unterscharführer*, quando aceitava não distribuía entre as prisioneiras, ficando para ele e seus subordinados.

Helga reconheceu quando atravessavam a Tchecoslováquia pelo idioma das pessoas:

Estamos passando por uma pequena aldeia. Crianças brincam em frente às casas. Elas nos olham curiosas, e acenam; aquelas ali gritam alguma coisa. ‘*Nazdar!*’ – ‘*Olá!*’ é tcheco – são crianças tchecas! Estamos em casa, na Boêmia. Os adultos se juntam a elas; o *Nazdar!* Se intensifica. Meu Deus como é lindo ouvir palavras em tcheco outra vez. [...] Uma mulher divide seu pão conosco. Não comemos nada desde a manhã. Estou morrendo de fome, porém não consigo comer. Aperto o pão contra o peito; não sinto o frio, a chuva ou as lágrimas que escorrem por minha face. Não consigo comer. É pão de gente tcheca, nosso pão – estamos em casa, em terras tchecas! (WEISS, 2013, p. 174-175).

O sentimento de pátria ainda era muito forte em Helga. Quando estava em Terezín, o retorno à Praga era o assunto que ela conversava com Franka, outra menina de sua idade. Elas sabiam que havia a possibilidade de não retornarem à cidade, de perecerem em Terezín, tendo em vista as condições sanitárias precárias – muitas pessoas faleceram devido a doenças, como o tifo, icterícia e encefalite –, ou em algum outro campo. Franka não teve a mesma sorte que Helga, pois, pelo relato, tudo indica que, na seleção dos recém-chegados, ela foi encaminhada para a câmara de gás de Auschwitz.

Assim, a adolescente Helga foi tomada pela emoção ao reconhecer que estava em sua terra natal, a ponto de não conseguir comer, coisa que ela não renunciava, porque o alimento era sempre escasso. Além da violência sistêmica, deixar os judeus com fome também era uma forma de quebrantá-los, pois os mantinham fracos fisicamente, o que afetava o psicológico:

Fedor, sujeira, piolhos, doentes e mortos. Homens ou mulheres? Idosos? Crianças? Já é dia, me enganei quando pensei que poderia distingui-los pela manhã. Eles não se mexem. A respiração, o único sinal de vida, é tão débil que mal consigo percebê-la em alguém na cama ao lado. Alguns ainda estão de pé, ou melhor, oscilando sobre os pés. Apáticos, sem falar, os olhos nebulosos e sem expressão. Bochechas, membros e partes do corpo afundados, cheios de machucados sujos. Os ossos cobertos pela pele cinzenta e amarelada, picada por piolhos e coberta de bolhas causadas pela sujeira, desnutrição e deficiência de vitaminas. [...] Você quer colocar um sorriso no rosto dessas pessoas? Sua tola! Semanas, talvez meses, sem comida ou bebida. Sim, esse é o sistema final. Tortura física e espiritual virou lugar-comum e então — o índice de mortalidade não era alto o suficiente —, aqui no Krakenlager, a ala dos enfermos, ao sabor de piolhos e dos bacilos de tifo, o que essas... pessoas?... passaram?

Sim, já foram pessoas um dia. Saudáveis, fortes, com vontade e pensamentos próprios com sentimentos, interesses e amor. Amor pela vida, pelas coisas boas, pela beleza, com fé num amanhã melhor. O que resta são fantasmas, corpos, esqueletos sem almas. (WEISS, 2013, p. 188-189).

No poema “É isto um homem?”, de Primo Levi (2020), ele descreve a situação desses judeus que sucumbiram ao tratamento desumano dos asseclas de Hitler, assemelhando-se a múmias ou mortos-vivos. Agamben (2008), com base no testemunho de sobreviventes dos campos, descreve a situação desse judeu que, no jargão de Auschwitz, foi alcunhado de “o muçulmano”. Segundo Gagnebin (2008), houve testemunhos de sobreviventes que evitaram falar sobre esses judeus porque eram

[...] figura[s] da extrema desfiguração, o ‘muçulmano’ é o não-homem que habita e ameaça todo ser humano, a redução sinistra da vida humana à vida nua. Por isso, ele é geralmente excluído do relato e da reflexão, já que sua inclusão ameaçaria todas as definições de humanidade vigentes até hoje. (GAGNEBIN, 2008, p. 14).

Nesse sentido, Weiss, a exemplo de Primo Levi, não deixou de prestar sua homenagem aos judeus cujas forças foram aniquiladas por meio da destruição da sua vontade.

É no campo de Mauthausen que a protagonista se depara com essas figuras cadavéricas:

No fim, Šára venceu. E todas aquelas afirmações de que não chagaríamos a lugar algum? Quantas vezes disseram que o fim estava próximo? Nossa viagem de dezesseis dias chegou a um fim. Os vagões estão abertos. Na parede à nossa frente está escrito em letras grandes e negras: MAUTHAUSEN. (WEISS, 2013, p. 183).

O *Unterscharführer* leva-as para um campo onde quatro dias antes mil judeus haviam sido exterminados, dessa forma, fica-se sabendo quais as intenções desse oficial; pois ele poderia as ter deixado onde estavam – e assim serem resgatadas – e fugido, como muitos de seus subordinados. No entanto, ele escolheu levar até o fim a sua missão de exterminar o máximo de judeus possíveis; mas o tempo conspirou a favor das prisioneiras. Durante o percurso, a intenção era levá-las para um campo mais próximo de onde estavam, mas as forças aliadas já se encontravam lá, o que o fez mudar de direção.

Quando chegaram em Mauthausen, a Cruz Vermelha já havia tomado o campo, o que impediu que os policiais existentes por lá continuassem a maltratar – ou exterminar – os prisioneiros. Ao chegarem, elas foram recebidas de forma calorosa, humana, e receberam alimentos, como pão e chocolates. Helga, acostumada com as falsas promessas dos nazistas, esperava a cada momento ser levada para a câmara de gás, principalmente quando foram encaminhadas para o chuveiro. Depois disso foram para uma enfermaria, onde encontraram os judeus sobreviventes – os mortos-vivos – daquele campo, os mencionados em excerto anterior.

Contudo, a guerra ainda não havia terminado e, tão logo recuperaram um pouco das forças, Helga e a mãe foram transferidas para o campo de trabalho adjacente, guardado por russas e ciganas que as maltratavam. Somente depois de alguns dias, a guerra foi cessada e elas puderam retornar à Praga.

Após o relato de seu diário, há sua entrevista que dá pormenores sobre como foi o retorno à sociedade de Praga, a recepção dada aos sobreviventes que todos imaginavam, ou esperavam, que tivessem sucumbido nos campos. Mas isso é tema para outro artigo.

5 Considerações finais

O século XX foi marcado por sucessivas guerras, contudo, a Segunda Guerra é considerada a mais importante pelos acontecimentos que envolveram a Shoah, demonstrando a urgência de ter uma Declaração dos Direitos Humanos que todas as nações se comprometessem a cumprir. O nacionalismo exacerbado e o governo fascista de Hitler, com a ideia de manter a hegemonia alemã, levaram milhões de judeus e outras etnias aos campos de extermínio para consolidar a Solução Final para a questão judaica.

Tão logo a guerra terminou, a tortura física e psicológica a que os judeus eram submetidos pelos nazistas veio a público, de modo que chocou as nações que antes se mostravam lenientes.

A opinião pública, convencida pelas imagens dos campos, com pessoas subnutridas e pilhas de cadáveres, de certa forma exigiu que os Direitos Humanos fossem regulados mundialmente e não como era feito em séculos passados: cada nação formulava uma legislação própria que garantisse direitos às minorias e aos condenados.⁷ Desde a promulgação na ONU, 73 anos se passaram, mas ainda se faz necessário que a catástrofe do século XX seja lembrada, pois foi longo o caminho para que as nações aceitassem, de comum acordo, a oficialização dos Direitos Humanos. No mundo em que vivemos, em que se valoriza mais o capital do que o ser humano, os direitos universais e inalienáveis estão em constante ataque.

Nesse sentido, *O diário de Helga* revela o processo gradativo da marginalização dos judeus até seu extermínio. Suas descrições dos campos e das torturas físicas e psicológicas às quais fora submetida ratificam os testemunhos de autores conhecidos, como os de Primo Levi e Elie Wiesel. A percepção de Weiss é a de uma adolescente que teve de resistir às condições subumanas infringidas a todos os judeus nos campos e manter o desejo de viver onde a morte era a única forma de libertação. Portanto, o testemunho de Weiss se soma a muitos outros, de sobreviventes ou não, contribuindo documentalmente para que a memória da Shoah se mantenha viva, mesmo que de suas vítimas tenham restado apenas as cinzas.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARENDT, Hanna. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.
- BERMEL, Neil. Nota do organizador. In: WEISS, Helga. *O diário de Helga*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2013. p. 9-21.
- FERNANDES, Luciane Bonace Lopes. Infância, poesia e horror: traduções dos poemas das crianças do campo de concentração nazista de Terezín. *Cadernos de Literatura em Tradução*, São Paulo, n. 23, p. 67-86, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/issue/view/12049>. Acesso em: 21 out. 2021.
- FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Editora BestBolso, 2007.
- GAGNEBIN, Jeane Marie Gabnebin. Apresentação. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008. p. 9-17.
- HUNT, Lynn. *A invenção dos Direitos Humanos: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* São Paulo: Rocco, 2020.
- LEVI, Primo; BENEDETTI, Leonardo de. *Assim foi Auschwitz: testemunhos 1945-1986*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- MAZOWER, Marc. *O império de Hitler: a Europa sob o domínio nazista*. São Paulo: Cia das Letras, 2013.
- RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

7. Cf. HUNT, 2009, p. 146-150.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão: a literatura do trauma. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 45-58.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Tempo e argumento*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/50583691/O_LOCAL_DO_TESTEMUNHO. Acesso em: 30 set. 2021.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (USHMM). Enganando o público, *Enciclopédia do Holocausto/USHMM*, Washington, DC, 2021. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/deceiving-the-public>. Acesso em: 19 out. 2021.

WEISS, Helga. *O diário de Helga*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2013.